

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
COORDENADORIA DE INTEGRAÇÃO DE
POLÍTICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
SETOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE PARA PROFESSORES DO ENSINO
FUNDAMENTAL E MÉDIO

RAFAELA MARTINS DA SILVA

**ORIENTAÇÃO DE ALUNOS QUANTO A PREVENÇÃO DE DOENÇAS
SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS**

**CURITIBA
2011**

RAFAELA MARTINS DA SILVA

**ORIENTAÇÃO DE ALUNOS QUANTO A PREVENÇÃO DE DOENÇAS
SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS**

Monografia apresentada ao Módulo IV – Práticas de Educação em Saúde II como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em saúde para professores do ensino fundamental e médio, Universidade Federal do Paraná Trabalho, Núcleo de Educação a Distância.

Orientadora: Prof^a. Silvana Regina Rossi Kissula Souza.

**CURITIBA
2011**

RAFAELA MARTINS DA SILVA

**ORIENTAÇÃO DE ALUNOS QUANTO A PREVENÇÃO DE DOENÇAS
SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS**

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª MSc. Silvana Regina Rossi Kissula Souza
Universidade Federal do Paraná

Profª Msc. Rosa Helena Silva Souza
Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 26 de março de 2011.

Para Rafael, pelo companheirismo, compreensão
e apoio em mais esta etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tornar possível a conclusão de mais esta etapa em minha vida.

A minha família, que me acompanha sempre, incentivando e apoiando, principalmente nas horas mais difíceis.

A todos os professores que me ajudaram a crescer, transmitindo seus conhecimentos com muita dedicação e carinho.

A todos os meus amigos de turma, por todos os momentos em sala de aula e pela união do grupo.

A minha orientadora professora Silvana, por ter mostrado o caminho para a conclusão do presente trabalho.

A direção e coordenação do Colégio Estadual Professor Milton Benner – EFM, assim como aos professores e alunos que participaram do projeto, por proporcionarem o sucesso da intervenção.

A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram com este trabalho.

“Investir na saúde da população de adolescentes e de jovens é custo-efetivo, porque garantir a qualidade de vida é garantir também a energia, o espírito criativo, inovador e construtivo da população jovem, que devem ser considerados como um rico potencial capaz de influenciar de forma positiva o desenvolvimento do país.”

(BRASIL, 2010, p.48)

RESUMO

SILVA, Rafaela Martins da. **Orientação de alunos quanto a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis**. 2011. Monografia de Especialização em Saúde para Professores do Ensino Médio e Fundamental. Universidade Federal do Paraná (UFPR).

O presente trabalho descreve a trajetória de uma intervenção no Colégio Estadual Professor Milton Benner – EFM, município de Wenceslau Braz, Estado do Paraná, envolvendo o tema doenças sexualmente transmissíveis. A intervenção foi realizada durante o mês de novembro de 2010, envolvendo uma turma de 37 alunos da 8ª série do turno noturno, e contou com o apoio dos professores das disciplinas de Biologia e de Matemática. O objetivo do trabalho foi o de despertar o interesse dos alunos sobre o tema, e proporcionar uma discussão a respeito da prevenção como melhor forma de combate a esse tipo de doença. O projeto foi desenvolvido em três momentos, sendo o primeiro uma explanação realizada em sala de aula, na disciplina de Biologia, onde os alunos tiveram um primeiro contato com o tema. Na sequência, foi convidado um médico para palestrar a respeito do assunto. E por fim, foi aplicada uma dinâmica de grupo que despertou o interesse dos alunos quanto à importância da prevenção na quebra da cadeia de transmissão. O trabalho, na avaliação dos envolvidos, apresentou um excelente resultado, e pretende-se que passe a fazer parte do conteúdo das futuras turmas do último ano do ensino fundamental do colégio.

Palavras-chave: Doenças sexualmente transmissíveis; Adolescência; Educação em saúde.

ABSTRACT

SILVA, Rafaela Martins da. **Guidance for students and the prevention of sexually transmitted diseases**. 2011. Monograph of Specialization in Health for Professors of Average and Basic. Ensino. Universidade Federal do Paraná (UFPR).

This paper describes the trajectory of an intervention in the State College Professor Milton Benner - FSM, municipality of Wenceslau Braz, Paraná State, involving the theme of sexually transmitted diseases. The intervention was conducted during the month of November 2010, involving a class of 37 students from 8th grade night shift, and had the support of teachers of Biology and Mathematics. The main objective of this study was to arouse the interest of students on the topic, and provide a discussion of prevention as the best way to combat this type of disease. The project was developed in three stages, the first being an explanation held in the classroom, the discipline of biology, where students had their first contact with the subject. Subsequently, a doctor was invited to speak on the subject. Finally, we applied a dynamic group that sparked the interest of students on the importance of prevention in breaking the transmission chain. The work involved in the assessment, presented an excellent result, and it is intended to become part of the content of future classes of the last year of the foundational teaching of the college.

Key words: Sexually transmitted diseases; Adolescence, Health Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 DST na adolescência	14
2.2 DST no ambiente escolar	17
3 METODOLOGIA	21
3.1 Campos e sujeitos	21
3.2 Desenvolvimento / trajetória de intervenção	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Ministério da Saúde, as doenças sexualmente transmissíveis, também conhecidas como DSTs, estão entre os problemas de saúde pública mais comuns em todo o mundo. Dentre suas consequências estão a infertilidade feminina e masculina, a transmissão da mãe para o filho, determinando perdas gestacionais ou doença congênita e o aumento do risco para a infecção pelo HIV (BRASIL, 2005).

E nesse contexto, os adolescentes e adultos jovens constituem um grupo de risco crescente para as doenças sexualmente transmissíveis, sendo que a maior vulnerabilidade desses grupos “decorre de falhas ou inconsistências no uso de preservativos em paralelo às elevadas taxas de atividade sexual com diferentes parceiros” (FAÇANHA, 2004, p.5).

A adolescência uma etapa da vida marcada por um complexo processo de desenvolvimento biológico, psíquico e social. É principalmente nesta fase que as influências contextuais, externas à família, assumem maior importância, uma vez que influenciam diretamente na tomada de decisões, nas condutas e contribuem para a definição dos estilos de vida assumidos pelo indivíduo. Ainda segundo Façanha (2004, p.5), “neste período, o jovem se “arrisca”, oscilando entre as situações de risco “calculado”, decorrentes de ação pensada, e as de risco “insensato”, nas quais, expondo-se gratuitamente, pode comprometer sua vida de forma irreversível”. Desta forma, com a maturação reprodutiva influenciando uma efetivação dos impulsos sexuais, a gravidez precoce e as doenças sexualmente transmissíveis são problemas cada vez mais relevantes nesta população.

Os adolescentes estão começando sua vida sexual cada vez mais cedo, conforme aponta o trabalho realizado por Marques (2006), com alunos do ensino médio. O início da prática sexual, dos alunos por ela pesquisados, variou de 12 a 19 anos, sendo a média de idade de 14 anos.

Levando em consideração que esse público, principalmente os adolescentes, encontra-se em fase escolar, o ambiente representado pela escola passa a ser um importante local para trabalhos de conscientização e orientação quanto à prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. E é justamente o que afirma Colello (2003, p.2), no seguinte trecho:

“Do ponto de vista prático, há um consenso praticamente geral de que a escola não mais pode se fechar aos dramas de nossa realidade: a devastação ambiental, a intolerância, o racismo, as drogas, a violência, a incidência de doenças sexualmente transmissíveis, a gravidez precoce [...]”

Desta forma, o presente trabalho tem como problema a seguinte questão: como pode ser realizado um trabalho de orientação para alunos do ensino fundamental de uma escola do município de Wenceslau Braz, Estado do Paraná, em relação à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis?

O objetivo geral do trabalho é desenvolver um projeto de intervenção, com vistas a conscientizar os alunos do último ano do ensino fundamental de uma escola do município de Wenceslau Braz, em relação à importância e às formas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Para a consecução desse objetivo, buscou-se através de revisão de literatura, identificar a dinâmica da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, principalmente no ambiente escolar; verificar a política nacional de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis; avaliar projetos de intervenção que estejam sendo, ou que já tenham sido desenvolvidos em outras localidades; identificar a realidade existente na escola em questão; e por fim elaborar uma proposta de intervenção que seja adequada à realidade diagnosticada.

Apesar de o tema saúde ser tratado nos Parâmetros Curriculares Nacionais como um tema transversal, que deva ser tratado com os alunos no conteúdo das diversas disciplinas, os professores nem sempre estão preparados para fazê-lo de forma adequada. E assim, o conteúdo envolvendo assuntos como o das doenças sexualmente transmissíveis acaba sendo desenvolvido de forma superficial. Um projeto específico para tratar um assunto tão importante, e que vem, conforme foi visto, sendo considerado um dos principais problemas de saúde em todo o mundo, é perfeitamente justificável.

Desse modo, primeiramente apresento a revisão de literatura que proporcionou a base teórica para o projeto de intervenção.

2 REVISÃO DE LITERATURA

As doenças sexualmente transmissíveis, também conhecidas como DSTs, são definidas, de acordo com Brasil (2009, p.25) como toda “doença infecciosa adquirida por meio do contato sexual”. Elas têm sido alvo de grande preocupação por parte dos órgãos mundiais de saúde, principalmente em função do crescimento no número de casos ocorridos nas últimas décadas.

De acordo com Brasil (2006, p.6),

[...] as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) estão entre os problemas de saúde pública mais comuns em todo o mundo. Entre suas conseqüências estão a infertilidade feminina e masculina, a transmissão da mãe para o filho, determinando perdas gestacionais ou doença congênita e o aumento do risco para a infecção pelo HIV.

Moreira et.al. (2010, p.1) compartilham da mesma opinião, e afirmam que as “[...] DST’s constituem um importante grupo de doenças cujas manifestações dizem respeito a várias especialidades médicas”. E na verdade se tornam um motivo de grande preocupação principalmente pela alta frequência de casos e pelas sequelas que as mesmas determinam, tais como a infertilidade e impotência. Esses autores afirmam ainda que as doenças sexualmente transmitidas “[...] constituem, atualmente, problema de saúde pública cujas repercussões transcendem o campo da medicina, abrangendo aspectos sociológicos, educacionais, éticos e até jurídicos”.

Para se ter uma idéia da importância, e do que representa esse problema para o Brasil e para o mundo, Who, citado por Brasil (2006, p.10), analisa alguns dados estatísticos, e mostra que

[...] em 1999, a Organização Mundial de Saúde (OMS) estimou um total de 340 milhões de casos novos por ano de DST curáveis em todo o mundo, entre 15 e 49 anos, 10 a 12 milhões destes casos no Brasil. Outros tantos milhões de DST não curáveis (virais), incluindo o herpes genital (HSV-2), infecções pelo papilomavirus humano (HPV), hepatite B (HBV) e infecção pelo HIV ocorrem anualmente.

Além disso, tem sido constatado, nos últimos anos, um aumento da incidência de doenças sexualmente transmissíveis, para o qual Façanha et al (2004), apontam alguns fatores determinantes, tais como a desinformação sobre o assunto (devido principalmente à redução das campanhas educativas), automedicação ou medicação indicada por pessoas sem as devidas qualificações,

multiplicidade de parceiros, maior liberdade para a prática da atividade sexual (em decorrência do uso de métodos anticoncepcionais), dificuldade na investigação dos parceiros sexuais, um menor temor do público por essas doenças (em função da idéia errada de uma facilidade do diagnóstico e tratamento), a facilidade de deslocamento das populações (permitindo um trânsito mais facilitado dos agentes causadores das doenças), e, por fim, o aparecimento da resistência microbiana aos antibióticos e quimioterápicos.

Porém, um dos problemas relacionados à questão das doenças sexualmente transmissíveis encontra-se justamente no entendimento do que sejam as mesmas, quais doenças podem ser classificadas como tal, como prevenir-se, como tratar-se. Essa desinformação atinge, na verdade, praticamente todos os setores e níveis da sociedade, e todas as faixas etárias, conforme será visto nos exemplos a seguir.

Gir et. al. (1991) realizaram um estudo com uma população representada por coletores de lixo, demonstrando que um número significativo dos entrevistados possuía conceitos inadequados sobre DST, denotando a falta de informação do público estudado quanto à etiologia, ao modo de transmissão, à prevenção e ao controle e tratamento dessas doenças.

Da mesma forma, Marques et. al. (2006), pesquisaram o entendimento de um grupo de escolares adolescentes de uma escola pública de Goiânia sobre DST, chegando a conclusões muito semelhantes às de Gir et. al. (1991). Pelas respostas dos entrevistados, os autores observaram que o grau de conhecimento que os entrevistados apresentavam sobre o assunto era restrito, sendo que a maioria associava estas doenças ao ato sexual, ou então conheciam apenas a AIDS.

Esses dois grupos de pesquisadores concluem, em seus trabalhos, que é fundamental a implementação de programas educativos para o enfrentamento do problema representado pelas doenças sexualmente transmissíveis.

E isso pode ser reforçado quando se analisa a questão da AIDS no país. Monteiro et. al. (2010) afirmam que a discussão sobre doenças sexualmente transmissíveis passou a ser realizada com mais intensidade a partir do surgimento da AIDS, principalmente por ser, na época, uma doença com alto poder letal. Campanhas maciças de divulgação e informação fizeram com que a população passasse a conhecer melhor essa doença. Tanto que uma pesquisa divulgada em novembro de 2003, realizada pela BBC, e citada por Brasil (2004, p.20),

[...] confirma o alto grau de conhecimento da população brasileira sobre aids. Ela mostra que 99% dos brasileiros entrevistados responderam que uma forma de ser infectado pelo HIV é através da relação sexual sem o uso de preservativos e pelo compartilhamento de seringas contaminadas.

Como pode ser visto, é importante o investimento em divulgação e informação, através de programas educativos, como forma de reduzir a problemática causada pelas DSTs.

2.1 DST na adolescência

Façonha et al (2004) destacam que o público representado pelos adolescentes, e pelos jovens adultos, vem apresentando um crescente risco em relação às DSTs.

A adolescência é a etapa da vida marcada por complexo processo de desenvolvimento biológico, psíquico e social. É principalmente nesta fase que as influências contextuais, externas à família, tomam maior magnitude, pois vão implicar na tomada de decisões, de condutas e contribuir para a definição de estilos de vida. Neste período, o jovem se “arrisca”, oscilando entre as situações de risco “calculado”, decorrentes de ação pensada, e as de risco “insensato”, nas quais, expondo-se gratuitamente, pode comprometer sua vida de forma irreversível. (FAÇANHA et. al., 2004, p.5).

Nessa fase da vida, segundo Heilborn et. al. (2008, p.45), “[...] uma das principais transições é a passagem à sexualidade com parceiro”. Esses autores destacam ainda que o aprendizado da sexualidade, nessa fase, “[...] não se limita àquele da genitalidade, nem tampouco à primeira relação sexual. Trata-se de um processo de experimentação que se acelera na adolescência e na juventude e que se caracteriza por uma forte influência da cultura sexual do grupo de pares”.

Taquette (2009) afirma que o aumento do interesse sexual nessa fase do desenvolvimento coincide justamente com o surgimento das características sexuais secundárias. Ocorrem profundas alterações hormonais nesse período, mas o jovem também é fortemente influenciado pelo contexto psicossocial.

Apesar da sexualidade ser definida como um conjunto de fenômenos que permeia todos os aspectos de nossa existência ela é vista inicialmente como um fenômeno biológico. Porém, sabe-se que é também social e psicológico e só pode ser compreendido quando situado no âmbito e nas regras da cultura em que se vive. Em cada sociedade são diferentes as proibições e permissividades em relação

a atividade sexual. No processo de adaptação cultural do ser humano, o controle da sexualidade é um dos aspectos centrais. Praticamente todas as culturas impõem alguma forma de restrição ao comportamento sexual (TAQUETTE, 2009, p.205).

De acordo com Knobel, citado por Taquette (2009), com o estímulo dos hormônios sexuais, o início da puberdade proporciona uma maior intensidade das emoções sexuais. Acompanhando isso, há um aumento do desejo sexual determinado pelo desenvolvimento do corpo e dos órgãos genitais, e a masturbação, que volta a ser mais frequente nessa fase, não é mais vista como uma atividade auto-erótica, mas passa a apresentar uma conotação sexual. “É nesta fase que ocorre o início da atividade sexual genital propriamente, a que Freud denominou fase genital” (TAQUETTE, 2009, p.206).

Deve-se levar em consideração que o comportamento sexual não depende apenas da fase de desenvolvimento em que o indivíduo está, mas sofre grande influência de fatores externos, principalmente do contexto familiar e social no qual ele está inserido. De acordo com Taquette (2009, p.208), na atualidade,

[...] a sociedade tem fornecido mensagens ambíguas aos jovens, deixando dúvidas em relação a época mais adequada para o início das relações sexuais. Ao mesmo tempo em que a atividade sexual na adolescência já é vista como um fato natural, largamente divulgado pela mídia, que estimula a aceitação social da gravidez fora do casamento, ainda se vêem a condenação moral e religiosa ao sexo antes do matrimônio e atitudes machistas rejeitando as mulheres não virgens. Este contexto dificulta o relacionamento entre as moças, de quem são cobradas atitudes castas, e os rapazes, que têm de provar sua masculinidade precocemente, com o início muitas vezes prematuro da atividade sexual, por pressão social. Outro aspecto importante é a defasagem existente entre a maturidade biológica, alcançada mais cedo, e a maturidade psicológica e social que cada vez mais tarde se torna completa. Perante este quadro os jovens se encontram perdidos, sem um parâmetro social claro de comportamento sexual e com uma urgência biológica a ser satisfeita em idade precoce.

Em relação às doenças sexualmente transmissíveis e a Aids, segundo Brasil (2010), existe uma preocupação constante nos serviços de saúde, em relação ao grupo representado pelos adolescentes e jovens. Em um trabalho realizado pelo Ministério da Saúde, foram notificados no período de 2000 a 2006, um total de 19.793 casos de Aids no grupo etário de 13 a 24 anos, o que representou 80% dos casos que foram identificados no Brasil neste mesmo período, ou seja, um total de 24.603 casos.

Ainda no grupo etário de 13 a 24 anos, entre 1982 e 2006,

evidencia-se nos homens jovens um aumento proporcional de casos por exposição à via de transmissão sexual, com um aumento discreto nas subcategorias homo/bissexuais. Por outro lado, diminuiu a proporção de casos por uso de drogas injetáveis. Nas jovens mulheres, a transmissão por via heterossexual, em todo o período, é predominante. (BRASIL, 2010, p.34)

Outra pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde em 2008, também citada por Brasil (2010), sobre o conhecimento, atitudes e práticas da população brasileira para a prevenção da infecção por HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis, demonstrou que 61% dos jovens entre 15 e 24 anos utilizou-se de preservativos na primeira relação. Constatou também que 3,6% dos entrevistados afirmaram utilizar o preservativo em todas as relações sexuais, independente da parceria, sendo que esse percentual subiu para 55% quando a indagação referiu-se à última relação. A pesquisa aponta ainda que “[...] os jovens mantêm-se como a faixa etária que mais faz uso de preservativos nas relações sexuais. Os homens utilizam mais esse método contraceptivo quando comparados às mulheres.” (BRASIL, 2010, p.35).

Em pesquisa anterior, divulgada em 2006, e citada por Brasil (2010, p.37), o Ministério da Saúde

[...] utilizou como indicadores para a prevenção e controle o exame ginecológico regular, com preventivo, entre as mulheres sexualmente ativas, e a presença de corrimento uretral, com tratamento médico, entre os homens sexualmente ativos. Na faixa etária de 15-24 anos, destacou-se que em torno de 50% das mulheres jovens sexualmente ativas, realizam a prevenção a DST. No entanto preocupa o percentual daquelas que não fazem o preventivo (19,5%) e das mulheres jovens sexualmente ativas que nunca fizeram exame ginecológico (29,2%). Nos homens jovens, 96% relataram não ter tido corrimento uretral. O indicador foi o maior em todas as regiões brasileiras. Dos que tiveram corrimento, o percentual maior (1,9%) se refere aos que não receberam tratamento. 1,2% relatam ter recebido tratamento (grifo do autor).

Como pode ser visto, as doenças sexualmente transmissíveis realmente assumem um papel importante quando se discute a questão da saúde na adolescência. É justamente nessa fase, conforme afirma Rieth (2002, p.90), que os jovens, em oposição à idealização do amor, buscam se afirmar como indivíduos por meio da experiência da sexualidade, não pressupondo compromisso afetivo como o do namoro. “Assim, justifica-se o *ficar* como uma forma *descomprometida* de

envolvimento afetivo, ou como uma forma comum e prática de conhecer outras pessoas.”

Além disso, de acordo com Toquette (2009), por ser nessa fase que o desenvolvimento sexual atinge a sua plenitude, possibilitando inclusive a procriação, torna-se fundamental que este tema seja privilegiado pelas equipes de saúde que dão atendimento ao adolescente. Os serviços de saúde, quando procurados pelo adolescente, por qualquer que seja o motivo, têm uma grande oportunidade de proporcionar uma orientação sobre as questões ligadas à sexualidade.

Da mesma forma, o ambiente escolar apresenta um papel importante neste sentido. É o que será analisado na próxima seção.

2.2 DST no ambiente escolar

De acordo com Brasil (2010, p.47), levando-se em consideração o contexto no qual está inserido o adolescente, pode-se afirmar que os valores, atitudes, hábitos e comportamentos do mesmo “encontram-se num processo de formação e cristalização, e que os valores e o comportamento dos amigos ganham importância crescente na medida em que surge um natural distanciamento dos pais em direção a uma maior independência”.

Como esse público encontra-se justamente na fase escolar, o ambiente da escola passa a ser um importante local de formação de turmas (o “enturmamento”), relações e, também, de possibilidade de discussão e conscientização a respeito dos diversos temas que influenciam a sua formação. Ou seja, é também o ambiente ideal para se desenvolver um processo educativo e de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis.

Porém, para tal, alguns fatores devem ser considerados. Fonseca (2002) observa que “as propostas de educação em saúde gestadas no campo da saúde e dirigidas à escola estabelecem princípios, objetivos, recomendações para a educação sexual de adolescentes e crianças sem, contudo, tematizar a escola como espaço social”. Trata-se, portanto, de uma produção que raramente leva em consideração as características específicas de cada escola, assim como a forma pela qual as teorias pedagógicas se relacionam com essas propostas educativas. Assim, esses trabalhos acabam tratando de forma homogênea situações totalmente

heterogêneas.

Da mesma forma, essa autora levanta a preocupação da homogeneização do próprio público, ou seja, além de considerar que as escolas são semelhantes, considera-se também o público a ser trabalhado não apresenta variações. Segundo ela,

Esse equívoco estende-se e não raramente nos deparamos com um conceito de adolescente, construído a partir da Psicologia e da Biologia, que se pretende explicativo de uma ampla categoria, a dos adolescentes, dando origem a enunciados que se transformam em clichês, tais como 'Adolescentes gostam de testar seus limites e pouco refletem sobre riscos'.

Essa preocupação também é destacada por Brasil (2010, p. 46), que afirma que, além da diversidade,

[...] é importante considerar adolescência e a juventude como processos complexos de emancipação, com fronteiras plásticas e móveis, que não se restringem à passagem da escola para o trabalho e envolvem três dimensões interdependentes: a macrossocial, na qual se situam as desigualdades sociais como as de classe, gênero e etnia; a dimensão dos dispositivos institucionais que reúne os sistemas de ensino, as relações produtivas e o mercado de trabalho e, finalmente, a dimensão biográfica, ou seja, as particularidades da trajetória pessoal de cada indivíduo.

Não bastasse isso, a relação entre o ensino escolar e as questões de saúde torna-se ainda mais complexa quando se analisa o discurso da própria epidemiologia, que utiliza os dados estatísticos para argumentar a importância de definir a escola como um espaço de prevenção em saúde.

Modelos teóricos ancorados em diversas disciplinas trazem os conceitos, os mais presentes, que constituem o idioma da prevenção: desenvolvimento de habilidades; mudança de comportamento; riscos e danos, protagonismo juvenil; vulnerabilidade. E assim, diante do peso de verdades científicas tão propriamente apresentadas cabe aos professores cumprir seu papel, o que freqüentemente, limita-se a experiências extremamente pontuais, cuja principal marca é o voluntarismo pessoal de seus formuladores e executores (FONSECA, 2002, p.72).

Diante dos argumentos acima expostos, torna-se evidente que qualquer projeto que se proponha a atuar no campo da saúde, e no caso em questão, das doenças sexualmente transmissíveis, assim como qualquer outro projeto de intervenção que tenha como alvo o ambiente escolar, deve, necessariamente, buscar inicialmente entender as particularidades do estabelecimento de ensino, do

meio onde o mesmo encontra-se inserido, e principalmente do público a ser trabalhado, ou seja, os alunos. Em outras palavras, para cada caso, deve-se estabelecer uma proposta adequada.

No entanto, fica claro que, independente das características ambientais, deve-se ter em mente que o foco da educação, no que se refere às questões envolvendo o tema saúde, é a prevenção. De acordo com Tones (apud ESTRADA e DEL PINO, 2010, p.98), deve-se buscar a prevenção por meio da mudança do comportamento, assim como pelo desenvolvimento de novos comportamentos saudáveis e pela modificação de práticas insanas existentes, o que proporciona um bem estar do indivíduo.

Estrada e Del Pino (2010, p.98) afirmam que,

[...] tendo a educação como fator permanente na vida do sujeito, a escola é um elemento que influencia essa formação. Não podendo ser vista como uma instituição que determina pensamentos. Promover Saúde se mostra um compromisso assumido pelos professores, mas não garante que a conduta do indivíduo será como o “ensinado” na escola. O sujeito faz suas escolhas, o sujeito compreende a seu modo o objeto.

Neste processo, o papel do educador também deve ser pensado de forma detalhada, seja ele o professor, ou outro profissional envolvido. Analisando o papel do profissional de saúde, Toquette (2009) esclarece que este deve ter o cuidado para não disponibilizar orientações preconceituosas e nem carregadas de códigos morais ou religiosos. Quanto à terminologia, devem-se evitar gírias, adotando a nomenclatura correta. Da mesma forma, deve ser dada a orientação para o adolescente e para sua família sobre as transformações que ocorrem em seu corpo, assim como sobre as sensações sexuais. Orientar também que tanto a masturbação quanto a curiosidade sexual são normais. Devem ser esclarecidas as dúvidas quanto ao ato sexual propriamente dito, assim como suas possíveis consequências. Por fim, deixar claro que o ato sexual envolve duas pessoas, apresenta caráter íntimo e privado, e que os envolvidos devem estar de acordo com o que está sendo feito, e que devem ter claro que deverão assumir todas as responsabilidades desse ato. “No caso de adolescentes que já tenham atividade sexual genital, ou estejam prestes a iniciá-la, estes devem ser orientados quanto à anticoncepção e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis” (TOQUETTE, 2009, p.211).

As mesmas preocupações apresentadas por Toquette (2009) para os

profissionais de saúde podem ser extrapoladas para o público representado pelos profissionais de educação. Com isso, fica claro que para que os professores desenvolvam trabalhos envolvendo a questão das doenças sexualmente transmissíveis, necessitam estar preparados para tal. E esse preparo não se restringe ao conteúdo técnico, mas também à forma de abordagem do tema.

Por se tratar de uma questão que suscita a curiosidade dos alunos, e que envolve uma questão da intimidade dos mesmos, os profissionais têm que estar preparados para ir muito além da simples transmissão de conhecimentos e informações, e atuarem muitas vezes como verdadeiros confidentes, mantendo o profissionalismo necessário para uma correta orientação.

3 METODOLOGIA

3.1 Campos e sujeitos

O projeto de intervenção foi desenvolvido no Colégio Estadual Professor Milton Benner – EFM, instituição de ensino fundada no ano de 1957, e que desde então atua na educação de crianças e adolescentes da região central do município de Wenceslau Braz, Estado do Paraná.

Essa instituição de ensino possui uma administração totalmente comprometida com a educação plena de seus educandos, que somam um total de 760 alunos, distribuídos em séries do ensino fundamental e médio, nos períodos matutino, vespertino e noturno. O estabelecimento conta, atualmente, com uma estrutura composta por 13 (treze) salas de aula, sendo que cada uma possui uma TV pendrive instalada. Conta ainda com laboratório de informática, biblioteca e demais instalações.

Em um diálogo realizado com a direção do colégio, constatou-se que há cerca de três anos foi realizado no colégio um projeto em conjunto com o Núcleo da Secretaria Estadual de Saúde de Jacarezinho, abordando a questão das doenças sexualmente transmissíveis. Esse trabalho desenvolveu-se através de palestras e apresentações de vídeos para alunos do período noturno, sendo que os resultados foram considerados positivos pela direção. Muitos dos alunos que participaram desse trabalho já não estão mais no estabelecimento, sendo que a maioria dos que atualmente estudam lá, não tiveram participação no mesmo.

Dessa forma, optou-se pela realização de uma nova abordagem sobre o tema, considerando que a mesma seria de grande valia, e que viesse a trazer benefícios para o público representado pelos alunos das séries selecionadas. Buscou-se então o apoio de parcerias, sendo que o projeto passou, então a contar com o apoio do Conselho Escolar, que é atuante na instituição, da direção escolar, do professor de ciências e o do professor de matemática que atuam junto aos alunos envolvidos, assim como da Secretaria Municipal de Saúde.

O trabalho foi desenvolvido durante a primeira quinzena do mês de novembro de 2010, envolvendo as aulas de Biologia e de Matemática.

3.2 Desenvolvimento / trajetória de intervenção

Foram envolvidos no projeto 37 alunos da 8ª série do ensino fundamental, com idade média entre 13 e 15 anos, que estudam no período noturno do Colégio Estadual Professor Milton Benner – EFM, no município de Wenceslau Braz, Norte Pioneiro do Estado do Paraná.

O trabalho foi dividido em três momentos principais. Num primeiro momento foi realizada uma introdução através de aula expositiva, ministrada pela professora de ciências, buscando conceituar o que é e quais os tipos de doenças sexualmente transmissíveis. Nessa aula, além da exposição oral da professora, foram utilizados recursos audiovisuais do próprio colégio, sendo apresentado aos alunos um vídeo de educação sexual pertencente ao acervo da biblioteca. Os alunos foram, então, convidados pela professora a apresentarem depoimentos, falando de situações que os mesmos conheciam a respeito das doenças sexualmente transmissíveis, ou de questões que eles tivessem lido ou visto em algum documentário. A participação dos alunos foi intensa, demonstrando que se trata de um tema que realmente desperta o interesse dos mesmos.

O segundo momento foi representado pela realização de uma palestra com um médico clínico geral que atua no município. Para preparar a palestra, os alunos foram convidados a fazerem perguntas, escrevendo-as sem identificação de autoria, e colocando dentro de uma urna, para que as mesmas fossem encaminhadas ao médico palestrante antes da data, a fim de que o mesmo pudesse conduzir sua fala abrangendo as respostas às dúvidas.

Algumas das questões são a seguir transcritas:

“Só se pega DST na relação sexual?”

“Todas as DSTs têm cura?”

“Se a camisinha estourar, tem perigo de pegar Aids?”

“Afinal, Aids pega pelo beijo?”

“É verdade que se pega sífilis transando com animais?”

“Se pega DST sentando em banheiro público?”

As respostas foram sendo dadas conforme o palestrante desenvolveu sua fala. A palestra foi bem clara, e atraiu a atenção de todos os alunos, que participaram ativamente, realizando diversos questionamentos. No encerramento, o médico realizou a distribuição de um preservativo para cada aluno, e os convidou a

encher à forma de uma bexiga. Pediu para que os alunos o segurassem, e que vissem o quanto o mesmo é resistente, e que não arrebenta com facilidade, como se costuma apregoar. Para descontrair, pediu para que todos jogassem o mesmo para cima, e batendo neles, não os deixassem cair no chão. Os alunos fizeram uma verdadeira festa com os preservativos, e no fim os estouraram.

Aproveitando a animação dos alunos, na mesma semana foi realizado o terceiro e último momento deste projeto de intervenção, correspondendo ao trabalho com o professor de matemática, para estudar o tema das doenças sexualmente transmissíveis utilizando-se de ferramentas da matemática (principalmente para entender as questões estatísticas).

Para este momento, a proposta inicial do projeto previa a aplicação de um questionário envolvendo todos os alunos das 7ª e 8ª séries do colégio, de todos os turnos, que buscava levantar se estes já possuíam uma vida sexual ativa, a idade em que haviam se iniciado, e se utilizavam preservativos como forma de prevenção. Porém, durante o desenvolver do projeto, em reunião realizada com a direção, com a coordenação e com os professores envolvidos, optou-se por não realizar essa atividade, uma vez que poderia criar algum problema com as respostas ou constrangimentos. Como a idéia era utilizar os resultados desse questionário, para fazer uma análise nas aulas de matemática, implementou-se em seu lugar uma dinâmica de grupo, com o objetivo de demonstrar a importância do uso de preservativos na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Essa atividade baseou-se nas propostas do Projeto Acolher, desenvolvido pela Associação Brasileira de Enfermagem (2001, p220). O nome da atividade é “Cadeia de Transmissão”, e tem como objetivo “reconhecer comportamentos vulneráveis, identificar a cadeia de transmissão e refletir sobre a vivência sexual responsável”.

Para a sua realização, foram distribuídas entre os 37 (trinta e sete) alunos participantes fichas com 3 (três) tipos de desenho: uma ficha com um triângulo (representando o portador de HIV), 18 (dezoito) fichas com o desenho de um círculo (representando pessoas que fazem uso de preservativo), e 18 (dezoito) com o desenho de uma estrela (representando pessoas que não fazem o uso de preservativo). Os alunos, ao receberem as fichas, não sabiam o significado desses desenhos, o que só foi revelado no final da atividade.

A atividade foi desenvolvida da seguinte forma: após a distribuição da ficha

para cada participante, solicitou-se que todos caminhassem pela sala, ao ritmo de uma música bem animada. Quando a música era interrompida, deviam se aproximar do(a) colega que estivesse mais próximo(a), e no verso de suas fichas, deviam copiar o desenho da ficha desse(a) colega. Novamente a música era iniciada, e a cada novo intervalo, o aluno deveria anotar todos os desenhos do(a) colega, além de todos os que estavam no verso da ficha do(o) mesmo(a).

Essa operação foi repetida 5 vezes, após o que as fichas foram expostas, e foi explicado para cada aluno o que representavam os símbolos. Foi feita então uma análise dos resultados obtidos. Dos 37 participantes, 24 tinham em sua ficha pelo menos um triângulo desenhado, o que demonstrou que, com uma única pessoa “infectada”, mais da metade do grupo tinha, de alguma forma, tido contato direto ou indireto com esta pessoa.

Os resultados foram bastante explorados pelo professor de matemática, que aplicou a atividade em conjunto conosco. Pode ser observado que os alunos que estavam com o círculo (“com uso de preservativo”) estariam protegidos, e ao mesmo tempo não transmitiam o HIV. Da mesma forma, demonstrou que, pela relação direta com os que eram estrela, ou entre estrelas que haviam tido o contato com o triângulo, 11 (onze) dos estrelas estariam contaminados, uma vez que, das cinco paradas, o triângulo relacionou-se 4 (quatro) vezes diretamente com estrelas, ou sejam, com jogadores que “não estavam protegidos pelo uso do preservativo”.

Durante a atividade, foram sugeridas algumas discussões, e obtidas as seguintes conclusões:

- A interrupção na música, na verdade, poderia ser considerada como uma mudança de parceiro sexual.
- Um único “portador de HIV” colocou em risco 24 (vinte e quatro) outros participantes, e determinou a infecção de 9 (nove) deles.
- Os participantes que “não usaram preservativo e não foram infectados”, na verdade, tiveram sorte, mas correm sério risco de infecção.
- Os participantes que “fizeram uso do preservativo”, mesmo que tenham entrado em contato de alguma forma com o triângulo, estavam protegidos, e não se infectaram.

Essa atividade permitiu uma intensa discussão e reflexão por parte dos alunos, que de forma divertida, trabalharam a questão do cuidado e da prevenção,

de como ocorre a transmissão em cadeia, o que é um comportamento de risco, e a responsabilidade que se tem. Ficou bem clara a importância do uso de preservativos como uma das principais formas de prevenção à transmissão de doenças sexualmente transmissíveis.

Os alunos e o professor envolvidos avaliaram muito positivamente o emprego dessa dinâmica, declarando que a mesma desperta os indivíduos para as questões tratadas, e faz com que os alunos visualizem claramente como as DSTs são facilmente disseminadas, caso não haja a preocupação com a prevenção.

Esses três momentos completaram a proposta apresentada ao colégio, para o trabalho com os alunos da 8ª série do período noturno.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho realmente atingiu o objetivo inicial de mobilizar e de proporcionar que os alunos discutissem um tema tão importante na vida do adolescente, que são as doenças sexualmente transmissíveis. Houve um envolvimento efetivo dos professores, da direção, da coordenação e principalmente dos alunos.

A metodologia empregada permitiu que a discussão do tema ocorresse num clima de descontração, e que proporcionou ao aluno se manifestar, e esclarecer suas dúvidas sem medos de represálias, nem de ser ridicularizado. Questionados quanto ao que aprenderam, e à forma como o trabalho foi conduzido, a totalidade dos alunos envolvidos manifestou ter gostado muito, e principalmente ter aprendido a importância da prevenção como principal forma de combater as doenças sexualmente transmissíveis.

Afirmaram também que a forma como o trabalho foi conduzido os motivou a participar, e que gostariam que fossem realizadas mais atividades como esta, envolvendo não somente este tema, como outros temas (tais como drogas/alcoolismo, desenvolvimento sexual e homossexualismo). Nas palavras de um dos alunos: “O tema foi tratado com uma linguagem igual a nossa, e assim fica fácil entender. Não foi só teoria”.

Numa conversa informal realizada com a direção do colégio, a mesma concluiu que o trabalho foi muito proveitoso, e que pretende realizá-lo todos os anos, com os alunos do último período do ensino fundamental, em todos os turnos. E a pretensão é estender o trabalho, proporcionando que o conteúdo seja aplicado de uma forma mais aprofundada, e envolvendo também outras disciplinas, como a de Língua Portuguesa, proporcionando que os alunos produzam textos e cartazes para expor melhor o tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adolescência é um período de descobertas e superações. O jovem cria seus vínculos afetivos, passa a fazer parte de turmas, e esse “pertencimento” induz o indivíduo a agir conforme o grupo. E por vezes, esse jovem acaba cedendo a comportamentos que colocam a sua saúde, e a sua própria vida em risco.

É também uma fase de grandes alterações hormonais, que, por si só, já determinam significativas mudanças no próprio comportamento, principalmente no comportamento sexual.

As doenças sexualmente transmissíveis, sendo um dos sérios problemas de saúde pública, assumem, para esse público, uma importância ainda maior. Maduros fisicamente para a concretização do ato sexual, mas nem sempre preparados e informados o suficiente quanto às conseqüências do mesmo, tornam-se um alvo fácil dentro da cadeia de transmissão das mesmas.

Não há como se contestar que a prevenção é a melhor forma de combater as doenças sexualmente transmissíveis. Porém, apesar do grande número de campanhas com essa finalidade, ainda há muito a se fazer para que se obtenha sucesso na redução do número de casos, não só em nosso país, como no mundo como um todo.

Dentro desse contexto, o ambiente representado pela escola assume um importante papel. Nessa fase da vida, os jovens encontram-se em fase escolar, e é dentro dos estabelecimentos de ensino, que acabam por criar seus principais grupos de relacionamento. Da mesma forma, é nesse ambiente onde se pode encontrar uma maior facilidade para o tratamento de conteúdos que despertam o interesse dos jovens (tais como as próprias doenças sexualmente transmissíveis, as drogas, sexualidade, opções de vida, etc.), uma vez que há condições de proporcionar o contato de alunos com profissionais das mais diversas áreas, professores ou mesmo outros profissionais.

Com o envolvimento do corpo docente, há como se desenvolver um conteúdo que proporcione a conscientização dos alunos quanto à problemática das doenças sexualmente transmissíveis. Porém, nem sempre isso acontece, e esse tema acaba sendo tratado de forma superficial nas escolas, não atingindo os objetivos de conscientizar o aluno, e levá-lo a repensar suas atitudes.

O presente trabalho buscou implementar uma ação mais direta envolvendo

a temática das doenças sexualmente transmissíveis, apontando principalmente a importância da prevenção como melhor caminho. Pode-se perceber que, através de ações simples, com o envolvimento dos profissionais adequados, foi possível despertar o interesse dos alunos quanto a importância da questão tratada, demonstrando que cabe a cada um tomar os cuidados necessários para obter sua satisfação, porém de forma consciente e correndo o menor risco possível.

A forma como o trabalho foi conduzido não interferiu nos conteúdos das disciplinas envolvidas, e, pelo contrário, possibilitou o envolvimento ativo dos professores e dos próprios alunos. O interesse despertado no público envolvido fez com que a direção e a coordenação propusessem a inclusão desse conteúdo para todas as séries correlatas, já para este ano de 2011.

Fica claro, portanto, que ações simples, mas aplicadas no momento certo, com o público certo, e de uma forma que motive a participação ativa dos envolvidos, trás resultados significativos e gratificantes.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Enfermagem. **Adolescer**: compreender, atuar, acolher: Projeto Acolher. Brasília: ABEn, 2001. 304p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Plano estratégico do Programa Nacional de DST/Aids 2004-2007**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. 54p. (Série F. Comunicação e Educação em Saúde).

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Manual de controle das doenças sexualmente transmissíveis**. 4ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 140p. (Série Manuais, nº68).

_____. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Glossário temático**: DST e Aids. 1ªed. 5ª reimpressão. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 56p. (Série A – Normas e Manuais Técnicos).

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 132p. (Série A. Normas e Manuais Técnicos)

COLELLO, Silvia M. Gasparin. Educação e intervenção escolar. **Revista internacional d'humanitats**, Barcelona, V.4, p.47-56, 2003. Disponível em: <http://www.hottopos.com/rih4/silvia.htm>. Acesso em: 31/08/2010.

ESTRADA, Carolina; DEL PINO, José Cláudio. Avaliação dos objetivos sobre saúde dos Parâmetros Curriculares Nacionais por professores municipais de São Leopoldo, RS. **Ensino, Saúde e Ambiente**, V.3, N.2, p.98-107, ago. 2010.

FAÇANHA, Mônica C. et al. Conhecimento sobre reprodução e sexo seguro de adolescentes de uma escola de ensino médio e fundamental de Fortaleza – Ceará. **DST – Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**. V.16, N.2, p.5-9, 2004.

FONSECA, Angélica. Prevenção às DST/AIDS no ambiente escolar. **Interface – Comunic, Saúde, Educ**. V.6, N.11, p.71-88, 2002.

GIR, Elucir et. al. Doenças sexualmente transmissíveis: conceitos, atitudes e percepções entre coletores de lixo. **Revista de Saúde Pública**. V.25, N.3, p.226-229, 1991.

HEILBORN, Maria Luíza et. al. Trajetórias sexuais de jovens brasileiros: da iniciação a uma possível gravidez. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Um olhar sobre o jovem no Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. 218p. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

MARQUES, Elisângela de Souza et al. O conhecimento dos escolares adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, V.08, N.01, p.58-62, 2006. Disponível em: http://www.revistas.ufg.br/revista/revista8_1/original/07.htm. Acesso em: 10/08/2010.

MONTEIRO, Paulo de Freitas et. al. Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis na comunidade estudantil de Campina Grande. **IV Encontro de Extensão da UFCG**. Disponível em: http://www.ufcg.edu.br/~proex/iv_enc_ext/Artigos/Saude/PREVENCAO%20DE%20DOENÇAS%20SEXUALMENTE%20TRANSMISSIVEIS%20NA.pdf
Acesso em: 10/08/2010.

RIETH, Flávia. A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 77-91, junho de 2002.

TAQUETTE, Stella R. Sexualidade na adolescência. IN: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde do adolescente: competências e habilidades**. Brasília: Ministério da Saúde. 2008. 754p. (Série B. Textos Básicos de Saúde).